

## SONETO PARA CRER

Eu, para não morrer, vivo acordado.  
São muitas as maneiras de viver.  
E entre os dois extremos tenho ao lado  
aquela que não cansa de me haver.

Pois estamos, assim, posto na vida  
igual à flor nascida para ser.  
Mas, se se abre em nós qualquer ferida  
melhor é ignorá-la, se doer.

Onde o mistério se a vida é vida?  
Por que dormir suspenso no enfado  
se à vida tenho a força devotado?

Egressos lá do céu me vêm anjos  
aconselhar que sejam consumidas,  
ao mesmo tempo, as flores e as feridas.

## POESIA E LIBERTAÇÃO EM ROBERTO PONTES

PEDRO LYRA

Um dos temas mais problemáticos da teoria literária contemporânea é a sobrevivência do épico. Dada a natureza por essência histórica deste gênero, creio que o problema não pode ser questionado antes de colocado num determinado tempo. Deste modo, a falência e/ou apogeu do épico se encontram vinculados à existência/inexistência de grandes acontecimentos sociais que, numa certa fase da história humana, ofereçam ou não temas de conteúdo épico.

Por que a Antiguidade e o Renascimento foram tão fecundos neste gênero? Simplesmente: pela ocorrência, nessas épocas, de fatos sociais de grandes implicações humanas de sentido universal. Aplicada a tese ao momento presente, o problema se resolve: não foi o épico que morreu como gênero literário, mas um certo épico de linguagem inadequada ao nosso tempo, um épico de conceituação sedimentada nos limites de uma estética restrita ao ideário clássico - o pomposo e solene épico de Homero, Virgílio, Camões, próprio para as sociedades que o geraram e consumiram, como só elas poderiam gerá-lo e consumi-lo.

A aparente falência do épico em nossa época se explica por esta evidência: a instabilidade do mundo contemporâneo - este pragmatismo materialesco a que nos atiraram - por um lado nega ao escritor o tempo indispensável para o labor épico (pelo menos, para o labor épico "a la antigua") e, por outro lado, nega também ao leitor essa mesma parcela de tempo necessário para o convívio com os longos poemas que requerem exegese.

Mas o *epos* está presente em qualquer tempo. E a nossa época é, sem talvez, a mais fecunda de toda a história humana em essência épica: aí estão ainda as radiações atômicas da última guerra mundial e das mais recentes bombas de intimidação e exibição; aí estão as lutas de classe propagando a revolução socialista por todo o globo; aí está o surgimento deste vasto Terceiro Mundo para uma nova realidade mundial; e aí está, por fim, a conquista do espaço, afirmando o domínio do homem sobre o seu universo próximo. Tudo isso, junto ou isolado, se oferece ao poeta contemporâneo como num desafio: um desafio àquele que se propõe a deixar, numa obra de fôlego, uma imagem poética deste tempo desesperado.

Pois bem: um desses temas - o último - acaba de ser tratado, num longo poema, por um jovem poeta cearense: Roberto Pontes, prêmio "Esso - Jornal de Letras" de 1970 (com o ensaio *Vanguarda Brasileira: Introdução e Tese*), no livro-poema *Lições de Espaço - Teletipos, Módulos, Quânticas*,<sup>1</sup> premiado pela Universidade Federal do Ceará no mesmo ano.

Com certeza, podemos vincular este poema à corrente vanguardista da poesia brasileira: vanguarda pelo tema, vanguarda pela linguagem. Nisto, cabe notar que Roberto não circunscreveu o fazer vanguardista ao problema da linguagem: sendo vanguarda o que sugere um passo à frente - o que, incorporando um dado novo ao patrimônio preexistente, aponta um rumo a seguir - ele se situa como vanguardista menos numa perspectiva lingüística do que numa perspectiva social.

Trabalhando exclusivamente com a palavra, Roberto Pontes compreende que tem de explorá-la ao máximo, para compensar a ausência da contribuição não-solicitada ao figurativo. Por isso ele está sempre experimentando, reinventando, neologizando a matéria-prima do verbo. As múltiplas tendências, os vários processos, a polivalência usual da palavra - todas as diretivas da vanguarda vocabular foram amalgamadas em *Lições de Espaço* por um tenaz esforço pessoal crítico-teórico-criativo em torno de poetas e movimentos vanguardistas, donde resultou um poema antes de tudo pesquisa-informação, atualizadas pela unidade de linguagem conseguida do primeiro ao último verso.

Através da simples leitura do poema é possível notar a familiaridade do autor com os experimentalistas da tradição internacional, como Mallarmé, Pound, Joyce, Cummings, Apollinaire, Maiacovski, ou com os da melhor vertente

1) PONTES, Roberto. *Lições de espaço - teletipos, módulos, quânticas*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1971.

nacional, como Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Haroldo de Campos, Mário Chamie. Através dessa convergência de processos, o autor destas lições de espaço integra-se, via experimentalismo com a palavra, na determinante verbal da vanguarda brasileira - na mesma perspectiva em que Guimarães Rosa também é vanguarda, na prosa.

Ele consegue reinventar o épico através de uma inusitada contenção verbal, de uma fala renovada, de um discurso condensado, na melhor terminologia poundiana. Por isso, sendo os seus blocos de verso uma síntese da cultura humana, eles requerem um nível receptor exigente. Mas é exatamente no nível solicitado que se concentra a melhor poesia.

O poema está dividido em três livros.

O primeiro apresenta, em doze, pequenos poemas, a problemática do espaço numa perspectiva regional. O espaço é o Nordeste brasileiro. Os poemas vão abrindo, pouco a pouco, um leque de problemas ecológicos, econômicos, antropológicos e sociais de sua sofrida região, ao mesmo tempo em que anatemiza a convivência que os conserva.

O poeta se define diante dos problemas em apenas um texto, apesar de sempre curto, apresentados numa linguagem tão estéril quanto a própria natureza nordestina. Mais que em qualquer outra parte do poema, é neste primeiro livro que se tem a perfeita adequação da linguagem ao tema focalizado: *através da aridez da linguagem chega-se a uma idéia da aridez da vida que ela representa.*

No poema

*o piso não fabula a verdura  
engastada na poeira e no salitre  
nem mesmo as próprias raízes  
desbebidas no lençol de anidro*

*o solo ingere as forras tessinas  
dessaingradas dos folículos e folhas  
ele suga a sudorência do granito  
seus produtos se arrimam na calça*

*a terra não concebe o nobre cepo do cedro  
cisma a figura inane do xerófito  
o gozo estriado dos fibromas  
e a indigência epitelial da citra (p. 10).*

o poeta descreve esse espaço e revela a natureza do solo naquilo que ele pode germinar. Mas esse solo não germina o que pode - "a terra não concebe" - esterilizado pela incipiência da agricultura:

*o fazedeiro  
de safras*

*lavra a dor  
e lavrador*

*lavra dores*

*dá cifras  
e não decifra  
a grandeza do lavar (p. 22),*

uma agricultura desinstrumentalizada, que explora mais o homem ("lavra a dor") do que a terra, num processo onde o sertanejo, ignorante de sua função social ("dá cifras / e não decifra / a grandeza do lavar"), é o forte que, antes de tudo, ainda depende da chuva, preso a um sistema medievalizado que lhe proporciona uma subsistência de conveniência, como na expressiva síntese práxis-concretista destes dois versos-palavra:

*salário  
solário (p. 18).*

O segundo livro apresenta, em quarenta poemas de seis versos em média, a configuração do espaço numa perspectiva planetária. O espaço é a Terra. E, para entendê-lo, o poeta ressalta o uso que o homem faz do raciocínio, da inteligência, da sensibilidade e do seu poder de criação. Com o espaço circundante compreendido, vem a apreensão do universo - tônica do segundo livro. E, numa linguagem agora lírica, o poeta tenta uma definição do planeta, apoiado em informações científicas:

*o universo  
tem seu porte e suporte  
em elétrons nêutrons prótons  
é urgência ao poema  
a fissão da massa atômica  
a micro física quântica  
os principia matemática*

*tem o limite dos cardos  
cortantes da metafísica  
estrela sistema cosmos  
o fascínio da galáxia  
o silêncio da palavra  
o carpir em abstrato*

*cem mil milhares de sóis  
igual lote de anos-luz*

*o poeta assim disserta  
premissas e teoremas  
de sua esfera anilada*

*entre parábolas e elipses  
que vagam por aí em expansão  
burila zumbidos de metal (p. 37-40).*

Nesse livro, nos deparamos com freqüentes alusões à história antiga, como (p. 69): *egeus, pirâmides, acrópoles*; à ciência: *não euclidiana* (p. 42), *scutum sobiesky* (p. 43), *mecânica do vôo* (p. 73); também à tecnologia: *bússula* (p. 56); *artifício de pólvora* (p. 56), *satélites* (p. 69); e à arte: *bizantino* (p. 70), *barroco* (p. 70), *pisa* (p. 71) etc. - enfim, uma focalização globalizante da cultura humana acumulada em tantos séculos de civilização. Para essa compreensão do nosso espaço vital, o poeta tem o homem e seus produtos como ponto de referência: como se dissesse que o universo só tem sentido se o seu centro deixar de ser qualquer ponto nebuloso no espaço para fixar-se no próprio homem, revitalizando a nossa melhor tradição humanista. O segundo livro persegue, pois, uma re-humanização do universo.

Finalmente, o terceiro: em dezoito *teletipos* (notícias informativas da conquista do cosmo, em ordem cronológica), três *módulos* (as três etapas da conquista) e cinco *quânticas* (cânticos - em transemia com o vocábulo "quanta" da Física incorporado à poética como sinônimo de "cântico" ou "cantiga" - em louvor a esses feitos), nesses vinte e seis minipoemas ele focaliza o espaço numa perspectiva cósmica. O espaço agora é o vácuo, o éter, o infinito. E o poeta narra, como se estivesse dentro de todos os foguetes e satélites já lançados ao cosmo, toda a escalada sideral:

desde Gagarin:

*hoje eclodiu a chama  
o oriente cavalga o cosmos  
seu cavalo sputinik  
vai sem chouto  
a 7 mil km por segundo  
rompe a barra magnética  
o cinto atmosférico  
abre a cortina do espectro  
e proclama nova era*

(teletipo, 1957, p. 82),

até Armstrong:

*mar da tranquilidade*

*face a muitos sintomas  
e sinais de iniludível crescimento  
não mais se pode ocultar  
a lua esteja grávida  
de gente*

(teletipo 1969, p. 103).

Roberto Pontes escolheu um tema pertinente a e representativo de nossa época. Talvez o maior efeito de toda a história humana, realizado de parceria pelo homem oriental e ocidental: um prelúdio ao comportamento político do homem futuro?

A conquista do espaço e dos planetas. A chegada à lua. Um sonho de tantos milênios, desde o mitológico Ícaro até Santos Dummont, passando por Júlio Verne. Não interessa a carga política do feito, nem o teatralismo de algumas aventuras, nem a precariedade daquela parceria. O poeta vê no fato um significado mais grave: a inauguração da Era Cósmica, o principio de um tão questionado planetarismo. "Hoje é o amanhã do ontem que se foi" - diz ele (p. 104). O homem em nova encruzilhada diante da História. Mas, para contrabalançar o euforismo do último livro (o homem de corpo-e-alma no espaço) e negar o anti-humanismo de um elitismo tecnocrata (o deslumbramento romântico pelas "viagens" das superpotências), o poeta abriu o seu poema com um grito de protesto contra o subdesenvolvimento da sua região - o homem com o solado do pé sobre o chão calcinado e com as mãos feridas na labuta diária. Não só por isso: também para questionar o cibernético sonho macluhaniano do vilarejo universal. Pois o mundo de hoje só é uma *aldeia* quando a Intelsat mobiliza o seu sofisticado sistema de telecomunicações para mostrar à humanidade. . . uma partida de futebol, a missa romana do galo, a queda do astronauta na lua. Mas onde está o grosso da população mundial quando "os grandes" se reúnem, fora do alcance das câmaras de tevê, para *decidir* os destinos dos povos? Não: o grosso da vida humana de hoje não se compõe de *shows*. E se desenrola noutro palco, multifragmentado. Quer dizer: o poeta quis demonstrar - e conseguiu - que, em pleno desabrochar da idade do Cosmo, a massificação conserva, em nosso planeta, seres humanos e situações sociais contemporâneos da Idade da Pedra.

Por tudo isso, seu livro é um marco: um documento que reinventa a linguagem épica.

O último poema do livro

*cavalgar na luz  
cavalgar na luz*

*retorno ao rio do tempo  
onde a vida cresce e diminui  
o meu transporte é a velocidade  
e sou um rei  
a cavalgar na luz*

*a cavalgar na luz  
sou imortal e tudo sei  
faço parar meu corpo no espaço  
controlo a vida na velocidade  
sou cavaleiro  
a cavalgar na luz*

*a calvagar na luz  
bebo verdes ondas de energia  
há um sol diverso em minhas veias  
pois reconheço meus ecos de origem  
e a minha voz  
a cavalgar na luz*

*a cavalgar na luz  
sou imortal e tudo posso  
até mesmo lançar o maior passo  
ou retornar ao ponto de onde vim  
ou nem sequer saber se vivo ou se morri*

*a cavalgar na luz  
a cavalgar na luz*

(finito/infinito, p. 107)

parece interromper bruscamente e fugir do tema abordado. Parece indicar que o homem não quer apenas o espaço. Não deseja dominar o cosmo, mas triunfar sobre o finito e o infinito, a fim de resolver o enigma da pedra filosofal, da fonte da juventude: a fusão com os elementos naturais, a paralisação do tempo ao atingir-se a velocidade da luz para a superação da própria morte. Seria a *libertação total* - não a simples libertação social de barreiras econômicas ou políticas, mas a libertação material de barreiras físicas ou naturais, que o homem pode operar quando aprender "a cavalgar na luz", onde "sou imortal e tudo posso", ou seja:

quando o homem se tornar humano, senhor de seu próprio destino. Utopia? A dimensão maior da História sempre foi a de uma Utopia.

\*

Poeta de expressão forte e fácil, Roberto Pontes transmite em *Lições de Espaço* a mais vasta mensagem de humanismo da poesia cearense contemporânea e, mesmo, da poesia brasileira.

O livro está aí, circulando restritamente e quase anônimo em edição do autor. E porque, com toda certeza, acrescentará uma parcela ao nosso pequeno patrimônio poético, ele já nasceu exigindo uma edição nacional.<sup>2</sup>

( Este texto aparece aqui em sua terceira redação: nas duas últimas (a segunda para incorporação como prefácio ao poema), agradeço a colaboração do próprio poeta, pelos muitos diálogos que ajudaram no esclarecimento de algumas passagens).

## O DEPURADO DISCURSO DE MEMÓRIA CORPORAL

LUIZ F. PAPI

Quando o amor faz dos amantes os "animais enternecidos" de que nos fala o poeta cearense Roberto Pontes em *Memória Corporal*, esse achado elide a conotação antitética que em outro contexto estaria evidente. E isto ocorre simplesmente porque o amor, tal como o poeta o concebe e revitaliza literariamente, confere ao homem, enquanto bicho-amante, a mais completa e diversificada dimensão humanista. A depuradíssima imagem do enternecimento do animal-homem - uma entre muitas mais - como que sintetiza em seu despojamento o calidoscópico metafórico de um discurso amoroso que dispensa, por desnecessários, os suportes da veemência usual e convencional dos poemas de amor. O reparo não equivale a repúdio aos que sabem exercitar a veemência de seus arroubos, mas não resta dúvida de que a ruptura aqui assinalada se opera em proveito de uma expressividade de elegância substantiva e sóbria. E não se trata de mera contenção verbal, já que o poeta assume o risco de fazer sua *Memória Corporal* fluir em liberdade, dentro dos condutos líricos que armou para "esta reflexão amadurecida e vivenciada sobre o amor", conforme escreve Carlos d'Alge nas abas da capa deste livro primorosamente ilustrado por Ana e Paulo Brandão.

O valor do texto de Roberto Pontes está realmente na força da palavra, na versátil inventiva e na amplitude dada ao velho tema. Sente-se, por exemplo, o pulsar do poema nesta confissão do poeta: "Quando me afoguei na região das termas bebi da mais profunda natureza. Mas o panteísmo não é o limite da am-